



DA BIOGRAFIA DO GRUPO PRIMÁRIO À BIOGRAFIA DE FRANCISCO RODOLFO SIMCH: BIOGRAFIZAÇÃO E RAZÃO HISTÓRICA PARA A CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO

FROM THE BIOGRAPHY OF THE PRIMARY GROUP TO THE BIOGRAPHY OF FRANCISCO RODOLFO SIMCH: BIOGRAPHIZATION AND HISTORICAL REASON FOR THE CONSTITUTION OF MEANING

Alice Marc¹

RESUMO

O artigo busca justificar a biografia dos grupos primários (Ferrarotti, 2014) como ponto de partida para a biografia de Francisco Rodolfo Simch (1877-1937). Para isso, apresenta os conceitos de razão dialética de Ferrarotti (1991), de razão histórica e de constituição de sentido de Rüsen (2001), considerando o princípio da busca da racionalidade através da compreensão e do enunciado da diversidade. Além disso, o artigo alinha-se com a tripla aposta epistemopolítica, pós-colonial e pós-disciplinar do movimento (auto)biográfico no Brasil e com o conceito de biografização como um processo de constituição sócio-histórica do sujeito narrador: uma dinâmica de emancipação (Passeggi e Sousa, 2017) que a pesquisa pretende estender e restituir ao leitor da biografia em questão.

PALAVRAS-CHAVE

Francisco Rodolfo Simch; biografia do grupo primário; razão dialética; razão histórica; biografização.

ABSTRACT

This article aims to justify the biography of primary groups (Ferrarotti, 2014) as a first step to perform the biography of Francisco Rodolfo Simch (1877-1937). Therefore, this study presents Ferrarotti's concept of dialectic reason (1991) and Rüsen's dialectic reason and meaning constitution (2001), regarding the principle of search of rationality through comprehension and enunciation of diversity. Besides, this research follows epistemopolitic, post-colonial and post-disciplinary perspectives of the (auto)biographic movement in Brazil (Passeggi and Sousa, 2017). Finally, such authors bring the concept of biographization of the narrating subject: a dynamic of emancipation, which the research intends to extend and retribute to the reader of the concerned biography.

¹ Doutoranda em História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.



KEYWORDS

Francisco Rodolfo Simch; biography of the primary group; dialectic reason; historical reason; biographization.

Introdução

O presente artigo é uma revisão bibliográfica sobre uma possibilidade de utilização do método biográfico para a pesquisa em história. O objetivo principal é fundamentar a escolha da realização da pesquisa biográfica do grupo primário como ponto de partida para a elaboração de uma biografia individual. Além disso, o estudo busca caracterizar o processo de biografização que sofre, inevitavelmente, o autor de uma biografia, enquanto constrói a narrativa de uma história de vida.

Para isso, apresenta-se especificamente a pesquisa biográfica sobre Francisco Rodolfo Simch, em andamento, justificando a utilização dos conceitos de biografia do grupo primário (FERRAROTTI, 1991, p.174), de razão histórica (RÜSEN, 2001, p.173), de razão dialética (FERRAROTTI, 1991, p.172) e de biografização (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p.9).

Neste âmbito, e considerando que, “em geral, o biógrafo expõe as motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado e retratar a carreira” (DOSSE, 2015, p.95), o presente artigo inicia-se, então, com uma breve apresentação do biografado e das razões que fundamentaram pesquisá-lo.

Trata-se, pois, de um estudo realizado no contexto da pesquisa biográfica de Francisco Rodolfo Simch, filho de imigrantes germânicos, nascido em 1877, em Vila Tereza, na região de Santa Cruz do Sul, estado do Rio Grande do Sul. O biografado faleceu em 1937, em Porto Alegre. Ao longo de sua vida, obteve formação acadêmica em Engenharia de Minas, na Escola de Minas de Ouro Preto, estado de Minas Gerais, e, após seu retorno ao Rio Grande do Sul, formou-se em Direito, em 1907, na primeira turma da Faculdade Livre de Direito, que hoje é a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, em Porto Alegre.

Na sociedade gaúcha atuou, então, em diversas áreas, como a mineralogia, a economia, o direito e a política. Nesse contexto, assumiu cargos como presidente do



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, IHGRGS, diretor do Museu Júlio de Castilhos, diretor do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, APERS, e Secretário de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, entre outros (MARC, 2019, p.62).

Em seu tempo, Francisco Rodolfo Simch foi considerado uma personalidade excepcional, pela qualidade de suas contribuições para o Rio Grande do Sul e por sua colaboração científica internacional, sendo considerado pelo historiador Jean Roche “um dos eruditos teuto-riograndenses da alta sociedade que escreveu capítulos da história que inspiraram os artistas que retrataram o Rio Grande do Sul contemporâneo” (ROCHE, 2020, tradução nossa). A amplitude de seus centros de interesse, consolidados com a atuação profissional e política de relevo internacional, com reconhecimento da comunidade científica, gerou, desse modo, abundância de fontes de pesquisa, sobretudo em instituições públicas, o que representa um aspecto vantajoso para a fundamentação histórica de sua biografia.

Sendo assim, Francisco Rodolfo Simch é o indivíduo biografado, em função da viabilidade da realização da pesquisa, decorrente da disponibilidade de fontes históricas, e também da relevância do estudo sobre um sujeito que traz, em sua trajetória, temas atuais para a sociedade gaúcha, como, por exemplo, a mineração do carvão no estado do Rio Grande do Sul (BARRIOS JR., 2020, p.1). Observa-se, aliás, que os resultados parciais desta pesquisa biográfica em andamento já vêm oferecendo à sociedade contemporânea oportunidades de ressignificar o contexto histórico das primeiras três décadas do século XX, principalmente.

Além disso, não obstante a diversidade dos centros de interesse e formas de atuação profissional de Francisco Rodolfo Simch, destaca-se o caráter permanente e fundamental de sua atividade docente. Destarte, Francisco Rodolfo Simch sempre foi, antes de mais nada, um professor, desde a juventude. Com efeito, além de concluir seus estudos em Engenharia de Minas, em Minas Gerais, atuou como professor de alemão, no Colégio Mineiro. Na capital gaúcha, foi professor no Colégio Júlio de Castilhos, além de ser um dos fundadores da Escola de Comércio e da Universidade de Porto Alegre, e assumiu a Cátedra de Economia, na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre (MARC, 2020).

Nesse sentido, estudar a biografia de Francisco Rodolfo Simch é, também, analisar a atuação profissional de um professor, que pode constituir uma ferramenta em potencial



para a formação docente, promovendo a “*compreensão biográfica do processo educativo, integrando a globalidade do ser em todas as suas dimensões de ser-no-mundo como sujeito-ator de sua formação, de suas transformações e de seu vir-a-ser*”. (JOSSO, 2010, p.60). Com efeito, as lições proferidas por Francisco Rodolfo Simch aos alunos da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre trazem uma mensagem que permanece atual para a reflexão sobre o papel do professor na sociedade, ao defender a educação como instrumento de libertação dos oprimidos face aos grupos dominantes, em nosso país:

De outra parte, é necessário não perder de vista que os homens que na atualidade representam o Estado são tirados com o auxílio dos oprimidos – os operários – por meio da máquina eleitoral, dentre os opressores – os patrões; admirará a resistência do Estado durante tantos séculos às reivindicações dos proletários? Pois ele é natural consequência do regime de escolha e formação dos chamados governos; nas condições atuais de educação e instrução do operário é forçoso reconhecer que seus homens seriam menos competentes para governar, de modo a restar o caminho já indicado: instruir-se, educar-se, elevar-se e organizar a classe; isso conseguido, jamais antes, sua posição será a que economicamente lhe compete e não a que aí vemos e de que os querem tirar por processos violentos e rápidos, mas inadequados.

Instruir, semear instrução por toda a parte, sob quaisquer pretextos, a qualquer momento, em qualquer ocasião e lugar, mas instruir solidamente, seriamente, pela vida e para a vida, ver o problema em seus alicerces, essa é a solução; aperfeiçoar, desquinar, alisar e polir será obra do tempo! (SIMCH, 1931, p.446)

Este posicionamento de Francisco Rodolfo Simch remete, aliás, ao posicionamento de Walter Benjamin (1987) sobre o perigo de “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (BENJAMIN, 1987, p.224), perigo este contra o qual “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido também de que os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1987, p.224-225). Alinhada a este propósito, a pesquisa biográfica em desenvolvimento encontra em Francisco Rodolfo Simch uma fonte rica em esperança para a sociedade contemporânea, em uma perspectiva “inserida entre as lógicas de todos os poderes de investir toda a vida e todas as vidas para se exercer plenamente, e as pulsões vitais dos sujeitos que, para existir, conjugam sua unicidade com a totalidade” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.98).

Por fim, a pesquisa biográfica com ampla variedade de fontes documentais extrapola os arquivos estatais, que testemunham a referida atuação profissional de Francisco Rodolfo Simch no âmbito do serviço público. Desse modo, existem fontes de



pesquisa biográfica também em acervos privados, em virtude do acesso facilitado da pesquisadora a projetos, correspondências, diários e entrevistas com os descendentes do biografado, grupo do qual faz parte. Assim, na trajetória do biografado, a pesquisa biográfica retoma “(...) a ideia de geração”, a qual “lembra com insistência que a história é a história dos *mortais*” (RICOEUR, 1987, p.194).

É especialmente esta peculiaridade da pesquisa, que exerce função narradora da biografia de Francisco Rodolfo Simch enquanto cidadão e ascendente familiar, que salienta a importância da consciência da “razão histórica”, que “confere ao princípio da diferença, da pluralidade, da particularidade e da negatividade uma força regulativa na interpretação do passado” (RÜSEN, 2001, p.173), porque enuncia e leva em consideração “as diferenças e a diversidade de fatores e modos do acesso da experiência do passado” (RÜSEN, 2001, p.174). Portanto, identifica-se o desafio de utilizar a racionalidade como “constituidora de sentido” (RÜSEN, 2001, p.174), ao interpretar um passado experimentado por outro sujeito, em outra época e circunstância, para procurar reconstituir o sentido das suas experiências.

Da Biografia do grupo primário à construção da Biografia do indivíduo

O projeto de realizar uma biografia de toda uma vida, relatando as interações de um indivíduo e contextualizando-as historicamente na sociedade de sua época é uma tarefa ambiciosa, porque envolve muitas pessoas e instituições em diferentes temporalidades e circunstâncias, ampliando, dessa forma, horizontes que possibilitam diversas interpretações. Requer, pois, uma abordagem complexa e sustentada por uma metodologia específica para identificar, analisar e interpretar os fundamentos históricos presentes na trama subjetiva da vida de uma pessoa.

Nesse sentido, Ferrarotti (2014) alerta para o perigo da pesquisa biográfica, que “cai no nominalismo, numa lógica atomista e no psicologismo social” (FERRAROTTI, 2014, p.83), ao se considerar um indivíduo como um “átomo social”, sem compreender suas relações sociais mais amplas. Isto significa que, para compreender Francisco Rodolfo Simch enquanto sujeito, é fundamental compreender o significado das interações sociais que este manteve na sociedade em que viveu, posicionando-o como parte de um sistema complexo de relações e no quadro de um contexto histórico específico. Assim, a



pesquisa biográfica não deve considerar o biografado como uma unidade isolada da sociedade, tampouco propor interpretações sobre o sujeito ignorando suas relações sociais e o contexto histórico em que viveu.

Com relação a isso, “a razão dialética pode evitar esses perigos, mesmo baseando-se na prática individual” (FERRAROTTI, 2014, p.83), o que significa que, embora a pesquisa biográfica dirija seu olhar a um sujeito específico, a análise de suas relações sociais amplas evita distorções na interpretação da subjetividade do biografado. Sobre a razão dialética, esta, além de evitar o referido perigo de atomismo social, “nos autoriza a interpretar a objetividade de um fragmento da história social, na base da subjetividade presente de uma história individual” (FERRAROTTI, 1991, p.172). Portanto a análise adequada das interações sociais de Francisco Rodolfo Simch, para além do conceito de “interação elementar” (FERRAROTTI, 2014, p.83) possibilita o acesso à constituição histórica do sentido amplo de suas experiências, na circunstância de uma pessoa inserida na sociedade gaúcha.

Sendo assim, o conceito de “razão dialética” de Ferrarotti (1991) relaciona-se com o conceito de “razão histórica” de Rüsen (2001), tanto que, para o primeiro, “a razão dialética é, pois, uma razão histórica; ou seja, estranha a todo o ocasionalismo, capaz de uma abordagem não residual da especificidade” (FERRAROTTI, 1991, p.172) e, para o segundo, “tradicionalmente, esse modo de racionalidade [a razão, que media, sintetiza e amplia a coerência na diversidade] é chamado de *dialético*” (RÜSEN, 2001, p.174). Desse modo, tal relação entre razão dialética e razão histórica face ao perigo do atomismo social na análise das experiências individuais possibilita a utilização do método biográfico como um instrumento científico seguro para constituir o sentido histórico da narrativa.

Seguindo os princípios da razão dialética e histórica, e conscientes de sua importância para o método biográfico, destaca-se a biografia do grupo primário como uma possibilidade de acessar esta constituição de sentido, pois:

Resta o perigo real da redução psicologizante, mas, em todos os casos, a opção pelo grupo primário como unidade heurística fundamental nos garante imediatamente contra qualquer risco de nominalismo, de atomismo e de psicologismo: se utilizarmos um modelo interpretativo correto, um grupo primário não poderá ser reduzido à trama de suas interações elementares. Ele as supera a cada instante e se impõe como uma *totalidade social*, definida não por seu “sistema interno” de relações psicossociais, mas por um sistema de funções estritamente sociais que o enraízam no seu contexto. (FERRAROTTI, 2014, p.83)



Percebe-se, mais uma vez, que Ferrarotti (2014) alerta para o perigo do estudo biográfico reduzir a interpretação do sujeito exclusivamente ao nível subjetivo, ao se restringir a suas interações sociais elementares, e para o risco de se “aceitar a exemplaridade puramente ilusória de um contexto” (DOSSE, 2015, p.249). Em contraposição a isso, propõe-se que a pesquisa biográfica individual parta do estudo do grupo primário como unidade que pode conduzir à totalidade da biografia.

Ora, a pesquisa de todo e qualquer indivíduo sob o prisma do método biográfico constitui, por si só, como referido, uma tarefa complexa, pois “o narrar o outro – que inclui o mundo –, e narrar a si, deve ser considerado como acesso a uma práxis social, cultural, política, de desnaturalização e estranhamento e, conseqüentemente, de exercício de unidade entre ser e pensar, viver e narrar” (CUNHA, 2018, p.239).

Logo, ao se pesquisar uma personalidade multifacetada como aquela de Simch, tal complexidade torna-se ainda mais acentuada, razão pela qual o presente artigo defende a pesquisa biográfica do indivíduo a partir de seu grupo primário, de acordo com a fundamentação de Franco Ferrarotti. Dessa forma, “a decisão pelo grupo primário como unidade primária heurística coloca-nos fora de qualquer possibilidade de nominalismo, atomismo ou psicologismo”, ao analisar “a verdadeira unidade elementar do social” (FERRAROTTI, 1991, p.176) e aceitar o desafio de “realizar a passagem do mais simples para o mais complexo, a passagem da biografia do grupo para a biografia do indivíduo” (Idem, p.177).

No caso de Francisco Rodolfo Simch, o presente artigo propõe aceitar o desafio de principiar a pesquisa pela análise do grupo primário, unidade mais simples, para, depois, se proceder ao estudo da biografia do indivíduo, ao invés de se buscar realizar diretamente a biografia de Francisco Rodolfo Simch, correndo-se o risco de interpretá-lo equivocadamente.

Com efeito, de acordo com a proposta de Ferrarotti (2014), a biografia dos grupos primários oferece a perspectiva de interações sociais amplas, porque “sabemos para onde ir e de que maneira pesquisar” (FERRAROTTI, 2014, p.84). Desse modo, antes de pesquisar Francisco Rodolfo Simch como indivíduo, sugere-se identificar e analisar alguns de seus grupos primários como unidade social relacionados, por exemplo, à sua atuação profissional. Cada um destes grupos destacados, de acordo com a metodologia



proposta, permite, através da pesquisa das fontes históricas, analisar interações sociais amplas que Francisco Rodolfo Simch realizou, em diferentes esferas sociais.

A partir do estudo destas interações sociais, nestes grupos diversos, destacam-se elementos que possibilitam compreender, em uma etapa posterior, o indivíduo biografado. Logo, para se aproximar da compreensão do indivíduo em sua totalidade, é fundamental analisar, em primeiro lugar, como ele interagiu com os grupos sociais que constituíram sua rede de relações, evitando o “plano dominado pela dimensão psicológica” (FERRAROTTI, 2014, p.84), em que as interpretações decorrem da perspectiva puramente subjetiva do biografado.

Ressalta-se que o exemplo precedente de grupos primários se vincula, em sua maior parte, ao tempo passado, a partir do conhecimento de interações sociais evidenciadas a partir de fontes documentais, como os diários de trabalho de Francisco Rodolfo Simch e de seu pai, Francisco José Simch, suas publicações científicas que relacionam a geologia à história, à fauna e à flora locais (SIMCH, 1907, p.176) e os relatórios oficiais da Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul. Nestes documentos, interações sociais do passado são descritas e interpretadas sob a ótica de uma pesquisa que se realiza no tempo presente.

Já a análise do grupo primário contemporâneo, dos descendentes, amplia ainda mais a análise das interações sociais referentes a Francisco Rodolfo Simch, ao incluir o tempo presente. De fato, as entrevistas com os descendentes de Francisco Rodolfo Simch proporcionam também a interação social destes com o entrevistador, não se restringindo, portanto, às narrativas sobre as interações que estes tiveram com o biografado ou aos relatos sobre como Simch interagiu com os outros, em sua época. Para esse tipo de análise, pode-se utilizar o “modelo dialógico, de investimento” como parte da metodologia biográfica (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.140), coerente com a razão dialética:

[...] uma situação excepcional de comunicação e de confronto entre estes diferentes portadores de sentido, comuns e eruditos, contanto que se deixem atuar as relações de troca de conformidade com a sua dinâmica intrínseca, e não segundo regras alheias (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.140)



Desse modo, percebe-se que a seleção de um grupo primário contemporâneo proporciona uma experiência rica para a pesquisa, trazendo novos sentidos para a interpretação do biografado. Em suma, nesta abordagem:

(...) a narrativa biográfica goza de um status de mediação privilegiado, pelo fato de que, incluindo-se ela própria no espaço de uma práxis interativa (a do narrador/narratário, do informador/pesquisador), ele realiza um duplo movimento de totalização (...). A narrativa biográfica cumpre e torna visível uma dupla operação complementar de desestruturação/reestruturação: do espaço histórico e social a partir do qual se elabora a *história de vida*; da situação de interação a partir da qual a narrativa é produzida como atividade discursiva e pragmática. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.286)

Sendo assim, quando os descendentes de Francisco Rodolfo Simch narram suas experiências relacionadas ao sujeito pesquisado, iniciam eles próprios um processo de biografização – conceito que será detalhado no item seguinte – ao realizar sua própria narrativa biográfica e interagir com o pesquisador. Esta narrativa biográfica, nos termos de Delory-Momberger (2014), desestrutura e reestrutura um espaço histórico que é comum aos descendentes e ao biografado, evidenciando, desse modo, elementos singulares para a ressignificação do sujeito em estudo e de seu contexto social.

No entanto, não é somente com respeito a trajetória do biografado que se vislumbra uma nova significação. Os descendentes de Francisco Rodolfo Simch, ao narrarem eventos e circunstâncias relacionadas ao seu antepassado, também ressignificam suas próprias trajetórias e seu próprio contexto social, em um processo de biografização, como se verá a seguir. Trata-se, portanto, de um exemplo de como o estudo biográfico se relaciona com a sociedade contemporânea através da narração dos eventos e dos contextos históricos, que modificam o próprio narrador, que, ao desempenhar este papel, reflete e se modifica.

Além disso, a relevância de se incluir a interação social dos descendentes de Francisco Rodolfo Simch na pesquisa biográfica está na possibilidade de se acessar “um plano intermediário de referência em que se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades a que pertencemos” (RICOEUR, 2000, p.161), situado entre a memória individual e a memória coletiva. Segundo Ricoeur (2000, p.161), este plano refere-se às pessoas próximas, assim como são os descendentes de Simch. Deste modo, durante as entrevistas, ao acessar este plano intermediário, através da memória de Francisco Rodolfo Simch, estabelecem-se



trocas entre essas pessoas e a memória pública da comunidade a que pertencem, a sociedade gaúcha, que estes têm em comum com a pesquisadora.

Observa-se, novamente, a importância do aproveitamento da combinação de todas estas diferentes fontes de pesquisa do biografado, incluindo as entrevistas com pessoas neste plano intermediário, ao se considerar que “ele [o historiador] capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico” (BENJAMIN, 1987, p.232). Nesse sentido, as interações sociais do pesquisador complementam as fontes documentais na tarefa de elaborar o presente, reconhecendo seus elementos do passado.

Portanto esta escolha metodológica da biografia de Francisco Rodolfo Simch a partir do estudo de suas interações sociais em seus grupos primários possibilita constituir o sentido de um contexto social histórico que, embora amplo, não elimina a individualidade de Francisco Rodolfo Simch e dialoga com o presente, através do processo de biografização sofrido ao longo do ato de narrar, como se detalha a seguir.

A constituição sócio-histórica do sujeito a partir da biografização

Na pesquisa sobre Francisco Rodolfo Simch, o método biográfico, ao pesquisar um determinado indivíduo, busca “configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência” (DELORY-MOMBERGER In PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.8), passando por “processos de *biografização* com o objetivo de compreender como os indivíduos se tornam quem eles são” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.9-10).

Isto significa que, para construir uma biografia sobre Francisco Rodolfo Simch, a pesquisadora busca compreender o sentido das experiências por ele vivenciadas ao longo de sua vida, com o auxílio das fontes de pesquisa e do conhecimento histórico, em perspectiva multidisciplinar, para interpretar de que modo tais experiências o constituíram historicamente como sujeito. Ao longo deste processo, justamente, ao mesmo tempo em que a pesquisadora constrói a narração da biografia, a pesquisadora modifica-se continuamente a si própria, ao desenvolver novas aprendizagens, ao reanalisar conceitos, eventos e circunstâncias históricas, em um processo de



biografização, que ocorre, portanto, concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa biográfica.

Sendo assim, ao retratar as diversas trajetórias do biografado, em seus diferentes contextos, busca-se, principalmente, neste estudo, compreender a significação das experiências que o formaram, em especial para a história. Esta atitude da pesquisadora em sua atuação como sujeito narrador traz como efeito, inevitavelmente, a modificação da sua própria formação como pessoa, o que constitui um processo de biografização.

Com efeito, define-se a biografização como sendo “esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sócio-histórica da pessoa que narra” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.9), ou, ainda, como “o trabalho (...) mediante o qual a pessoa que narra se converte em autor e caminha em direção da conscientização, da resistência e da emancipação” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.11), em que “a emancipação, identificada aqui como um efeito para os indivíduos, pode ser posta em paralelo com a emancipação das coletividades, que passam também pela apropriação coletiva da sua história em relatos compartilhados” (LAPOINTE In VICENTINI; ABRAHÃO, 2010, p.159).

Neste caso, o narrador da biografia é a pesquisadora, um sujeito sobre o qual se opera uma ação formativa, em decorrência da atividade de narrar a vida de Francisco Rodolfo Simch. Ao realizar a pesquisa e organizar as experiências do biografado, a própria autora sofre um processo de biografização e se modifica, portanto, por meio da reflexão cientificamente fundamentada. A partir disso, a autora desenvolve uma consciência crítica sobre as experiências analisadas, que se refletem na forma como restitui a pesquisa biográfica, em sua narrativa. É nesse sentido que a pesquisadora se torna autora da trajetória do biografado.

Isto posto, ao narrar as experiências de Francisco Rodolfo Simch, em seus distintos contextos e momentos, torna-se possível não somente compreender como tais experiências formaram Simch como pessoa e como profissional, mas também, e principalmente, construir a aprendizagem e a compreensão sócio-histórica da autora da referida biografia, e, por conseguinte, proporcionar aos futuros leitores da biografia a oportunidade de formular sua própria interpretação, na fase final da pesquisa, em que se restitui a biografia à sociedade.

Em suma, o processo de biografização é uma modificação que sofre o autor narrador ao longo da elaboração da biografia, em que este ressignifica a história de vida



que elabora e assume, por sua vez, o papel de autor, trazendo como consequência para si a conscientização das circunstâncias históricas que analisa e o aprimoramento da sua análise crítica da sociedade em que vive. Trata-se de um processo que conduz o historiador à emancipação pela renovação do conhecimento, com reflexos na sociedade, em sua experiência de cidadão.

Este conceito de biografização, inclusive, relaciona-se com a utilização do termo (auto)biográfico, com o uso de parênteses, tal como escrito no resumo do presente artigo. A justificativa da utilização de parênteses está na sintonia da pesquisa proposta com o movimento (auto)biográfico brasileiro, que reconhece e salienta o caráter formativo da biografia, pois:

Como se pode observar, no Brasil, consagrou-se a expressão pesquisa (auto)biográfica com o (auto) entre parênteses, contrariamente às demais denominações que evitam a presença do eu (auto). Passeggi (2016) discorre sobre essa opção, alegando que no mundo da lusofonia, os parênteses aparecem pela primeira vez no título do livro organizado por António Nóvoa e Matthias Finger, “O método (auto)biográfico e a formação”, publicado em 1988, em Portugal. A hipótese é que ao acrescentar os parênteses, Nóvoa e Finger chamam a atenção para a dimensão subjetiva do método, em Educação, e a função formativa do discurso autobiográfico. Esse artifício linguístico deixa em aberto múltiplas possibilidades de interpretação: sugerir o uso de fontes biográficas e autobiográficas; sinalizar a partilha entre a pessoa que narra e o pesquisador que a escuta; enclausuram o eu, para alguns ou o colocam em evidência, para outros. Essa alternativa dos parênteses, hoje consagrada no Brasil, diz, portanto, respeito a essas economias.” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.16).

Depreende-se, assim, que, no caso do estudo proposto, a pesquisadora, ao entrevistar um descendente de Francisco Rodolfo Simch, ao mesmo tempo em que compartilha um pouco de si com aquela pessoa, é também formada pelo sujeito que entrevista, através do método (auto)biográfico e da biografização que lhe é inerente. A entrevista é, em consequência disso, um exemplo de uma circunstância que possibilita a biografização.

Prosseguindo com a configuração do caráter formativo do processo de biografização, salienta-se que, para Passeggi e Sousa (2017), a (auto)biografia, como objeto de estudo, apoia-se em três fundamentos:

Uma aposta de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para



superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem. Uma aposta pós-colonial, que se opõe a uma visada elitista do conhecimento que desconhece essa capacidade de reflexividade humana e de interpretação do cidadão “comum” que sofre as pressões cotidianas que o destituem dos seus direitos e embotam sua consciência crítica. Finalmente, uma aposta posdisciplinar, ancorada na liberdade de ir e vir em busca de instrumentos heurísticos onde eles se encontram, como sugere Ferrarotti (2013), sem se acomodar aos quadros de uma visão disciplinar, ou inter- ou multi- ou transdisciplinar. (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p.10)

Assim, considerando estes três pilares da (auto)biografia, a escolha da biografia de Francisco Rodolfo Simch como objeto de estudo baseia-se em uma “tríplice aposta” (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p.10), em que a biografização, como um processo fundamentado na “razão histórica” (RÜSEN, 2001, p.173), constrói uma narrativa que se concentra na experiência do sujeito, abandonando “critérios positivistas, coloniais, que desqualificam a legitimidade da palavra de quem foge aos padrões da racionalidade do adulto, do sexo masculino, branco, letrado” (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p.11).

Este posicionamento reforça a importância do estudo da interação social como fonte da experiência do sujeito, rejeitando a escolha exclusiva do discurso dos grupos dominantes como formador de um contexto histórico. Este aspecto é muito importante, principalmente ao estudar os grupos primários, em que a interação social ocorre também envolvendo pessoas que fogem a esse padrão socialmente dominante, como o mineiro, cuja narrativa se pretende valorizar, para melhor compreender, em uma etapa posterior, a biografia individual de Simch.

Por fim, explicita-se a terceira aposta, que é:

(...) posdisciplinar, sugerida por Ferrarotti, (...) confere ao pesquisador a liberdade necessária para ir e vir em busca de instrumentos heurísticos tão revolucionários quanto o próprio “giro autobiográfico”, subjetivo, interpretativo, qualitativo e alheio aos esquemas de “hipótese-verificação” da perspectiva positivista. (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p.12)

Esta base pós-disciplinar possibilita, pois, transitar através dos limites das disciplinas formais, proporcionando a liberdade necessária à análise interpretativa do biografado. A aposta pós-disciplinar pressupõe, assim, que as diferentes disciplinas formais têm sua própria metodologia e cientificidade, podendo contribuir para a interpretação da pesquisa biográfica. Dessa forma, pode-se, por exemplo, utilizar a análise do discurso para interpretar uma correspondência, à luz do conhecimento



histórico, de forma a transitar entre a linguística e a história. Desse modo, a característica pós-disciplinar do método biográfico permite trabalhar cientificamente a subjetividade do método, pois:

Conforme ele [Ferrarotti] enfatiza, a biografia é subjetiva em vários níveis: primeiro, porque através dela o pesquisador lê a realidade do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado; depois, porque os materiais – em geral autobiográficos – estão sujeitos a inúmeras deformações (...). (BUENO, 2002, p.17)

Por conseguinte, a subjetividade, assim como o processo de biografização, é inerente à pesquisa biográfica e deve ser considerada na interpretação das fontes documentais e na realização de entrevistas. Por esse motivo, justamente, e, de acordo com as características da biografia que se pretende realizar, é essencial uma escolha metodológica adequada para que esta subjetividade não constitua uma obstrução à construção do conhecimento histórico decorrente da pesquisa.

Sendo assim, considerando os diversos graus de subjetividade, bem como os tipos de materiais que o método biográfico utiliza, que podem ser primários (as narrativas obtidas pelos pesquisadores, geralmente por meio de entrevistas) ou secundários (materiais que não foram gerados especificamente para a pesquisa), o método biográfico requer, de acordo com Ferrarotti, uma renovação metodológica que valorize a subjetividade, valorizando, inclusive, os materiais primários (BUENO, 2002, p.18), o que vai ao encontro do “caráter multiforme da documentação histórica” (LE GOFF, 1988, p.299). Este cenário renovado de utilização do potencial do material primário para a construção do conhecimento científico estabelece, conseqüentemente, uma harmonia com o conceito de razão dialética anteriormente evocado e também da aposta pós-disciplinar.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas com os descendentes de Francisco Rodolfo Simch, cuja maioria conviveu com o biografado, constituem o material primário da pesquisa biográfica, que possibilita explorar a subjetividade das narrativas, em consonância com a base documental, ou seja, o material secundário, sob a perspectiva pós-disciplinar. Em suma, este tipo de material constitui, em conjunto com o material secundário, um procedimento metodológico capaz de extrair da subjetividade dos estudos biográficos o conhecimento histórico, otimizando a análise das fontes de pesquisa e constituindo seu sentido.



Considerações Finais

Presente no decorrer de toda a pesquisa biográfica, o conceito de biografização, ao trazer a perspectiva de emancipação, ajusta-se à convicção de Le Goff (1988) de que é tarefa do historiador transformar a história de fardo em uma história que faça com que o conhecimento do passado seja um instrumento de libertação (LE GOFF, 1988, p.350).

Para desempenhar esta tarefa, o método biográfico oportuniza o trânsito do pesquisador por diferentes disciplinas, aproveitando e combinando as diversas perspectivas científicas que estas oferecem para a análise e interpretação de materiais primários e secundários. Ressalta-se que o primeiro tipo de material oferece maior potencial subjetivo de conhecimento, amplificando as possibilidades de explorar a razão dialética através do estudo da interação com outros sujeitos. Em complemento a isso, conclui-se que a combinação dos dois tipos de materiais, primários e secundários, oferece uma perspectiva muito rica de extrair o conhecimento histórico da subjetividade inerente à pesquisa biográfica.

De qualquer modo, conclui-se que a assertiva de Le Goff (1988) sobre a verdade dos documentos estende-se aos materiais primários, no estudo biográfico, pois:

Nenhum documento é inocente. Ele deve ser julgado. Todo documento é um *monumento* que se deve saber des-estruturar, des-montar. O historiador não deve ser somente capaz de discernir um documento falso, ele deve desmistificá-lo. Os documentos só se tornam fontes históricas depois de sofrerem um tratamento destinado a transformar sua função de mentira em confissão da verdade. (LE GOFF, 1988, p.304)

Logo, para estes dois tipos de materiais relevantes para a pesquisa biográfica, primários e secundários, fundamental é o tratamento adequado do historiador, ao analisá-los e interpretá-los.

Desse ponto de vista, e partindo destes pressupostos, a biografia como metodologia de pesquisa possibilita ressignificar contextos históricos, trazendo ao debate científico prismas renovados de discussão. Nesse sentido, estudar a biografia de Francisco Rodolfo Simch, em particular, significa trabalhar a subjetividade dos materiais primários e secundários envolvidos na pesquisa objetivando renovar o debate histórico sobre o contexto de uma época, em uma dimensão que excede o indivíduo.



Com efeito, “longe de contar uma vida, o relato biográfico mostra uma interação que ocorre por intermédio de uma vida” (DOSSE, 2015, p.249). Isto significa que, no caso da pesquisa sobre Francisco Rodolfo Simch, a biografia extrapola a esfera de relações imediatas do sujeito ao revelar interações mais amplas que aconteceram durante sua existência e que ocorrem, ainda hoje, inclusive, na memória daqueles, nossos contemporâneos, que por sua vida passaram. Em consequência disso, o relato de uma vida conduz o pesquisador às circunstâncias pelas quais outras pessoas também passaram, trazendo nova luz a um determinado enquadramento histórico.

Tendo em vista estas diferentes abordagens, a presente revisão bibliográfica examinou a possibilidade de narrar, como uma primeira etapa da pesquisa em andamento, a biografia dos grupos primários de Francisco Rodolfo Simch, considerando este tipo de biografia, “paradoxalmente, a verdadeira unidade elementar do social”, ou seja, “o objeto mais simples sob observação sociológica” (FERRAROTTI, 1991, p.176). De acordo com a argumentação de Ferrarotti (2014), entende-se que iniciar a pesquisa diretamente pela biografia de Francisco Rodolfo Simch representaria uma atitude que se prestaria facilmente a uma interpretação equivocada do indivíduo e de seu contexto histórico, em razão da complexidade das interações sociais envolvidas.

Por isso, então, propõe-se iniciar o estudo sobre Francisco Rodolfo Simch com a biografia de grupos primários. Assim, de acordo com a revisão bibliográfica realizada, esta seria uma etapa de base contribuindo para, em uma fase futura, partir para a situação mais complexa, que é a biografia do indivíduo Francisco Rodolfo Simch.

A seguir, para a realização deste propósito de partir da biografia do grupo primário para a biografia do indivíduo, no caso de Francisco Rodolfo Simch, o presente artigo confirmou a existência de fontes de pesquisa primárias e secundárias que viabilizam pesquisar os grupos primários propostos. Nesse sentido, exemplificou que fontes seriam estas e destacou sua importância para a realização de uma análise pautada na razão histórica, que, por sua vez, pressupõe a razão dialética, capaz de apreender a diversidade e a complexidade humana em sua relação com a história.

Por fim, depreende-se que a razão histórica e, logo, a razão dialética, estão presentes no conceito de biografização, com sua possibilidade de ampliar a conscientização e emancipação do sujeito narrador através da etapa de leitura da pesquisa por outros sujeitos, ao restituir a pesquisa biográfica de Francisco Rodolfo Simch à



sociedade. Por conseguinte, conclui-se que o processo de biografização estende-se ao leitor da narrativa biográfica, no âmbito da reflexão e do debate, incluindo-se a faceta da formação docente, pois “o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo” (DOSSE, 2015, p.410).

Em conclusão, todos os conceitos trazidos ao longo deste artigo, bem como as possibilidades metodológicas próprias do método biográfico, em particular a biografia dos grupos primários como premissa para a biografia individual, justificaram sua escolha para a pesquisa sobre as experiências que formaram Francisco Rodolfo Simch como uma pessoa multifacetada em uma sociedade plural como esta do Rio Grande do Sul, em transformação contínua.

REFERÊNCIAS

BARRIOS JR., Melvis. **Carvão mineral: desenvolvimento e industrialização** [online]. Página da Companhia Rio-Grandense de Mineração, CRM. Disponível em: <http://www.crm.rs.gov.br/conteudo/3814/?Carvao-Mineral%3A-Desenvolvimento-e-Industrializacao#.Xx2o2FVKjIU>. Publicado em 06/02/2020. Acesso em 20/06/2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. p. 11-30.

CUNHA, Jorge Luiz da. Escrever histórias para convencer os outros: memórias, diários e cartas de imigrantes. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 07, p. 235-256, jan./abr. 2018. p. 235-256.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**. Da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN, 2014.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FERRAROTTI, Franco. **História e história de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Natal: EDUFRN, 2014.



FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia** – problemas e práticas, nº 9, 1991, p.171-177.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN, 2010.

LAPOINTE, Serge. Encontro de si em histórias de vida: o aporte das histórias de vida na formação em “sentidos e projeto de vida”. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Histoire et mémoire**. Paris : Éditions Gallimard, 1988.

MARC, Alice. **Movimento da existência de Francisco Rodolfo Simch**. Lugares de memória: entre os documentos do acervo familiar e a Escola de Comércio de Porto Alegre. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553010>. 20 de agosto de 2019. Acessado em 26/06/2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto) biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. In: **Revista Investigacion Cualitativa**, 2(1), 2017. pp. 6-26.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRN, 2012.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l’histoire, l’oubli**. Paris : Éditions du Seuil, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução: Roberto Leal Ferreira; revisão técnica: Maria da Penha Villela-Petit. Campinas: Editora Papyrus, 1987.

ROCHE, Jean. Chapitre VIII. La société nouvelle. In : **La colonisation allemande et le Rio grande do Sul**. Paris : Éditions de l’IHEAL, 1959. Disponível em: <<http://books.openedition.org/iheal/5940>>. Acesso em 20/06/2020. DOI: 10.4000/books.iheal.5940

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SIMCH, Francisco Rodolfo Simch. **Noções elementares de mineralogia e geologia**. Adaptadas aos programas dos institutos de ensino secundário e aos exames de admissão à Escola de Minas de Ouro Preto. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1907.

SIMCH, Francisco Rodolfo. **Programa de Economia Social**. Economia pura e política econômica. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1931.